

## RESENHA

### **EDUCAÇÃO E GOVERNO: do nascimento ao desenvolvimento da sala de aula**



Por: *Thamires Senem*  
Universidade Federal de Blumenau,  
Blumenau, SC, Brasil

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003. 255p., il. (Educação em pauta). Tradução de: *La invención del aula*.

*A Invenção da sala de aula*, de Inés Dussel e Marcelo Caruso (2003), retrata a genealogia das formas de ensinar, traçando o papel da igreja, do governo e da sociedade na educação até o final do século XX. O livro está organizado em cinco capítulos e conta também com dois ensaios: um no final do segundo capítulo e o outro no final do quarto.

No primeiro capítulo, *Sala de aula? Genealogia? Definições para iniciar o percurso*, os autores situam os leitores acerca do próprio título do livro, apresentando o significado dos termos utilizados. Através da genealogia, baseada em uma análise crítica e um estudo aprofundado da história da educação, a sala de aula é vista como materialidade e como forma de comunicação objetivadas em transformar o indivíduo por meio de técnicas de condução, garantindo formas de convivência social e que, ao decorrer do tempo, foi passando por inovações científicas e filosóficas. A educação se vincula ao poder que exprime uma obediência moral e coletiva, tornando-se, de maneira imperceptível, parte do cotidiano social.

No capítulo dois, *Nasce a sala de aula: o papel da religião como parteira*, aborda-se a construção da sala de aula, definindo a religião como sua fonte originária. No final da Idade Média, a educação era associada à transmissão da cultura, de modo que para fazer parte de uma civilização era necessária uma educação cristã ministrada nas casas dos *intelectuais*. A sala de aula começou a desenvolver-se nos séculos XV e XVI quando os avanços científicos e as fortes mudanças ocorreram na sociedade. A reforma protestante foi uma delas, desencadeando uma divisão entre religiões e pedagogias. É nesse contexto em que surge a necessidade de ensinar o povo a ler a bíblia em outras línguas, possibilitando assim a circulação do conhecimento em outros idiomas diferentes do latim.

Dentre as demais ordens religiosas à época, a dos jesuítas prezava a devoção ao Papa e a dedicação à educação individual da juventude. Na modernidade do século XVI, as igrejas necessitavam criar um espaço específico para disseminar suas crenças. Os protestantes, assim, criaram a *escola elementar*, desencadeando um ambiente escolar organizado em diferentes níveis definidos a partir de graus de eficiência e de idade. A representação da sala de aula ganha atitude dominadora expressada pelo “poder pastoral”: ser um bom pastor era garantir ordem e a atenção do seu rebanho. Professores se deslocavam de diferentes países para ministrarem aulas que eram lideradas com base na “conduta de si mesmo” (DUSSEL, CARUSO, 2003, p. 64) e vinculadas à boa e à má consciência, como defendiam os protestantes.

Por sua vez, Jan Amos Comenio (1592-1670), um dos autores estudados por Dussel e Caruso, preocupava-se com o ensinamento da Bíblia para a grande massa. O autor reestruturou a sala de aula com seu método global, centralizando-a no educador que conduzia os alunos através da fala direta, procurando estabelecer uma obediência natural do indivíduo. Diferente dos

jesuítas que defendiam um aspecto individualizador de educação, a nova pedagogia propagava o ensino coletivo, privilegiando as classes burguesas.

No contexto escolar do final do século XVII, o francês Juan Batista de La Salle (1651-1719) insere métodos mais atualizados voltados às classes menos prestigiadas da época e reorganiza a estrutura educacional com a criação de um manual de conduta, o qual informava como deveria ser a postura do professor em relação aos alunos e o que deveria ser exigido por ele.

No primeiro ensaio, *A pedagogia e suas metáforas*, os autores tratam das figuras escolares de linguagem usadas na época como no poder pastoral que referencia o professor a um rebanho ou os alunos a um exército a ser controlado. Segundo Dussel e Caruso, essas metáforas formam diversos pontos de vista para um mesmo termo, desvirtuando, muitas vezes, seu verdadeiro significado. Como exemplo, Comenio representa o docente como o *sol*.

Nessa representação, pode-se interpretar que o professor é responsável por *iluminar* seus alunos, mas, por outras vias, pode tomá-los como vivenciadores de um mundo repleto de escuridão, onde apenas o docente é a luz da sabedoria. Maneiras como essas fazem parte das estratégias presentes na sociedade e são capazes de desviar o foco do verdadeiro sentido de um discurso, não apenas na educação, mas em várias situações em nosso cotidiano. Os autores escrevem que “se um tipo de metáfora torna-se mais importante em uma cultura, esse fato indica o que está ocorrendo nessa cultura”. (DUSSEL, CARUSO, 2003, p. 100)

O terceiro capítulo, *A sala de aula cresce: a disciplina nos tempos da Revolução Industrial*, aborda as diversas mudanças que os séculos XVIII e XIX

trouxeram à sociedade europeia, entre elas, a Revolução Industrial. Dela resultaram os avanços tecnológicos das indústrias que deslocaram os camponeses para as grandes cidades e trouxeram desestabilidade para a igreja que passa a perder o controle através de suas antigas técnicas. Essa separação entre a igreja e o Estado é outra marca da mudança do período iluminista que promovia a “liberdade, igualdade e fraternidade”, influenciando futuramente a Revolução Francesa.

Com a educação obrigatória estabelecida entre 1763 e 1803, as crianças eram estimuladas a pensar com apoio de livros didáticos criados pelo método catecismo, conhecido por mecanizar o ensino através do intermédio de perguntas já respondidas. Estes avanços acarretaram quatro consolidações da sala de aula.

A primeira consolidação foi instaurada com a Escola Prussiana. Destacam-se assim os primeiros pensamentos de Kant (1724-1804) sobre o governo e a educação em um mesmo espaço como forma de humanizar o *homem-animal*. O grande problema era a “massividade” de estudantes em uma única sala de aula, fruto do capitalismo, que julgava antieconômico o desperdício de tempo no ensino individual.

A segunda, deve-se à criação do *Método Mútuo*: os professores eram responsáveis por guiar o grupo de alunos por completo, enquanto monitores conduziam individualmente os outros. Esse método foi logo abolido, pois interferia na autoridade do docente que deveria ser reconhecida independentemente de sua presença.

A terceira é instituída com princípios pestalozzianos e com as teorias de Herbart (1776-1841) que valorizavam um ensino natural e individual de desenvolvimento a partir de didáticas pré-estabelecidas vinculadas ao governo,

à instrução e à disciplina. Mais tarde, o contexto educacional sofreria novas modificações com a chegada de Samuel Wilderspin (1792-1866), defensor do desenvolvimento crítico dos alunos e da sua relação afetiva com o educador. Segundo os autores, essa questão trazida por Wilderspin efetiva a quarta e última consolidação da sala de aula.

O quarto capítulo, *A sala de aula em idade de casar: a tática escolar no século 20*, versa sobre o desenvolvimento do biopoder e o triunfo do capitalismo. O sistema educacional normatizador é solidificado. A nova estratégia de poder passa a tratar as crianças como adultas em meio a um sistema homogêneo para uma heterogeneidade de pensamentos, corrigindo os indivíduos que se desviavam das normas.

Nesse sentido, a filosofia positivista surge exaltando os métodos científicos e mostrando que o reinado da ciência conduziria a uma forma de conhecimento natural através de fontes concretas. Nesse período, as *críticas escolanovistas* começam a fazer parte do contexto escolar na defesa de que a educação não apenas prepara para a vida, mas faz parte dela também. O professor é responsável pela formação do estado intelectual, autônomo, crítico e físico da criança, não tendo ele de normatizar um ensino.

Com isso, a escolarização deveria seguir o desenvolvimento da criança de modo que adaptações, como os jardins de infância, eram consideradas formas mais realistas e acessíveis de educação. Além disso, acreditavam que se a criança se mostrasse satisfeita com o ambiente em que habita, a partir de sua vontade, ela estabeleceria conexão com as normas de condutas exigidas.

No ensaio *A autoridade da pedagogia*, após o capítulo quatro, os autores fazem alusão ao termo autoridade na formação da identidade pedagógica do

professor e no uso de sua liberdade, citando Max Weber (1864-1920): “a autoridade deve ser analisada de acordo com o tipo de controle que se exerce” (DUSSEL, CARUSO, 2003, p. 227). O professor pode manifestar seu poder de duas formas: como uma autoridade legal-racional, baseada em estudos científicos e filosóficos, ou pela autoridade carismática, suprindo suas inseguranças com carisma, arriscando evidenciar uma falta de saber. O docente pode e deve, com base nas suas escolhas, optar pela melhor forma que cabe a ele ensinar, mas a partir dos métodos já historicamente definidos. Essa autoridade, condicionada a partir das restrições e das regras governamentais, impede o total controle do professor dentro da sala de aula.

*À guisa de conclusão: perguntas sobre o futuro da sala de aula*, no último capítulo, Dussel e Caruso defendem que construir regras é necessário desde que elas estejam abertas a futuras mudanças. Uma forma de condução linear nunca existiu e é através dessa desestabilidade que transformações escolares ocorreram. A escola é a instituição mais propícia para transmitir a cultura e sempre estará sujeita a inovações vinculadas às necessidades de sua sociedade. A materialidade da sala de aula se desdobra em uma comunicação com o objetivo de atender às funções sociais. Essa finalidade tem motivos lógicos, levando a criança, com base em modelos e em normas, a produzir *governamentalidade*. O livro esmiúça com mais detalhes as transformações que ocorreram na educação. Para que ela seja captada, requer dos seus futuros leitores uma leitura atenta aos propósitos de ensinar.

## **Referência**

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003. 255p, il. (Educação em pauta). Tradução de: La invención del aula.

**SOBRE A AUTORA:**

THAMIRES SENEM é graduanda em Letras pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e vinculada ao Grupo de Pesquisa Políticas da Educação na Contemporaneidade (GPEC) da mesma instituição.

*E-mail:* [thamysenem@hotmail.com](mailto:thamysenem@hotmail.com)

*\*Esta resenha contou com o apoio do Programa de Iniciação à Pesquisa (PIPe) do Governo do Estado de Santa Catarina, realizada sob orientação do Prof. Dr. Tiago Ribeiro Santos.*

Recebido em: 23.08.2018

Aceito em: 05.10.2018